

A LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DO ALUNO DO PROEJA

Ecilomar Aparecida de Oliveira¹
Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira²

Resumo: O presente artigo objetiva uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula baseando-se na leitura e escrita, com o intuito de apontar meios para a formação de alunos leitores e produtores de textos.

Palavras-chave: leitura, escrita, Proeja.

READING AND WRITING IN THE TRAINING OF STUDENT PROEJA

Abstract: This article aims an analysis about the practices developed in the classroom based on reading and writing.

Keywords: reading, writing, Proeja.

¹ Coordenadora do PETI (Núcleo Vila Amália)

² Dra. em Letras e Linguística pela UFG, professora efetiva do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, as palavras “alfabetizados” e “analfabetos” foram usadas para diferenciar as pessoas que sabiam ou não sabiam ler. Hodiernamente, esses conceitos ficaram insuficientes para a classificação de pessoas quanto ao uso que fazem da leitura e escrita. Assim, surgiu em contraste a “alfabetização”, a palavra “letramento”, com a autora Mary Kato (1986) em seu livro **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**, para designar o fenômeno no qual as pessoas aprendem a ler e escrever, mas não incorporam em sua prática social a leitura e a escrita, não se tornam competentes para usá-la. O termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes. Fomos buscar a palavra letramento na palavra inglesa *literacy* que significa condição de ser letrado. Essa palavra é do mesmo campo semântico que a palavra inglesa *literate*, que significa pessoa que domina a leitura e a escrita. Pessoa letrada é aquela que aprende a ler e a escrever e que se envolve em práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, que faz uso frequente e competente da leitura e da escrita. A pessoa letrada passa a ter uma outra condição social e cultural, muda o seu lugar social, seu modo de viver, sua inserção na cultura e, conseqüentemente, uma forma de pensar diferente. Tornar-se letrado traz conseqüências linguísticas, cognitivas, é o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo como conseqüência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Soares (1998) explica que letramento significa:

estado ou condição de quem não apenas sabe ler, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. A leitura não só remete ao entendimento dos mecanismos que a língua escrita contém, mas à fonte inesgotável de possibilidades, ideias e convenções que ajudarão no processo de criação e interpretação do discurso.

A leitura é tida como um dos processos mais eficazes para a percepção de expressões eruditas e simbólicas. O ato de ler torna-se referente tanto à escrita, quanto a qualquer outro tipo histórico de expressão humana, estabelecendo uma relação histórica entre leitor e conteúdo a ser estudado. O valor da leitura não está somente na forma literal de escrita, mas também em qualquer outro tipo de manifestação comunicativa onde haja emissor e receptor, independente da linguagem usada. Toda e qualquer leitura se vale da experiência de vida de cada indivíduo. O aprender a ler também significa aprender a ler o mundo (LAJOLO, 2008), dar sentido a ele e a nós mesmos o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. O educador não ensina o educando a ler, ele cria condições para o aluno realizar sua própria aprendizagem.

LER PARA GOSTAR DE LER

Algumas considerações devem ser levantadas a respeito da dinâmica nas salas de aula, pois é nelas onde se sistematiza o gosto pela leitura, é na escola e através dela que se forma o aluno leitor. O aluno do Proeja chega na escola com um conhecimento amplo da leitura de mundo. Sendo um ser social, o jovem e adulto, no dia a dia, interagem com textos do mundo letrado.

Outra questão que deve ser considerada é o método utilizado pelo professor. Muitos teóricos têm influenciado a educação. Documentos e referências curriculares para a confecção de matrizes curriculares, projetos e planos de aula são elaborados levando em consideração o que estas teorias dizem. Entretanto, nas salas de aula, percebe-se uma diversidade de teorias confusas onde fica difícil determinar a quem atribuir o sucesso ou fracasso da aprendizagem. Muitos professores dizem aplicar o sócio-construtivismo, o método tradicional... Buscam construir sua própria maneira de trabalhar, diversificando o que lhe é cobrado pela instituição com o que já conhece por experiência, como se pode

observar no relato da professora Renata Blandina da Silva Castro, atuante na Educação de Jovens e Adultos:

A educação de jovens e adultos exige do professor uma atuação bem mais dinâmica, já que tudo que se é ensinado precisa ser aplicável em sua vida cotidiana. Então, sair do mecanismo e buscar sempre a prática, a aplicação do método Global na “realfabetização”, levando em consideração que muitos educandos perderam por um período longo o contato com a leitura e escrita.

A professora Renata incorpora em seu discurso a questão da necessidade, da concepção de que o que é ensinado na educação de jovens e adultos deva passar pelo percurso da utilidade, da aplicação pragmática dos conteúdos apresentados e coloca que esses alunos precisam re-estabelecer ou estabelecer pela primeira vez o contato sistemático com os usos formais da língua.

O professor é, portanto, um mediador dos conhecimentos e experiências apresentados em sala de aula. Ele orienta e complementa o conhecimento que o aluno já apresenta, devido suas experiências de mundo. Na verdade, o professor não pode se contentar com o que o aluno lhe traz como informação. É preciso incorporar essas experiências em um ambiente sistematizante, em um processo de ensino-aprendizagem que convida o aluno a atravessar novas ideias, encontrar-se com novas concepções e a exercitar o pensamento sobre si mesmo e sua configuração social.

Trabalhar com jovens e adultos é um grande desafio, pois nunca se terá uma turma homogênea e a cada nova formação haverá uma outra realidade. Não existem regras únicas para se aplicar em sala de aula. Quando o professor se entrega ao papel de mediador e não total retentor de conhecimentos teóricos, se torna mais fácil e prática a convivência com o educando do Proeja, levando assim, um melhor

desenvolvimento dos conteúdos que, às vezes, por focarem na teoria, distanciam-se da realidade dos educandos. É o professor o maior responsável por estabelecer elos entre teoria e práticas.

Deve-se considerar a questão problemática que existe em nossa realidade educacional, em relação à leitura e escrita, e buscar meios para desenvolver soluções e alternativas. Para isto, como Baltar (2006) reafirma, é essencial que o professor se envolva e pratique as tarefas que propõe a seus alunos.

DENTRO DE UMA SALA DE AULA PROEJA

Pode-se afirmar que, enquanto leitores e escritores, os alunos do 1º período de Administração do Proeja turno matutino de 2010 do Instituto Federal Goiano – *Campus Rio Verde* recorrem ao conhecimento prévio para produzir seus textos. Na pesquisa de campo feita nesta turma, verificou-se que os textos produzidos por eles são, coerentes e coesos, com boa ordenação de ideias, porém apresentam traços da oralidade na escrita, erros ortográficos decorrentes da falta de revisão e inadequações da estrutura do diálogo, aspectos que podem ser sanados com a releitura do texto.

A professora de língua portuguesa dessa turma fez a leitura, junto com os alunos, do livro **Flicts**, escrito por Ziraldo e que conta a história de uma cor diferente rejeitada pelas outras cores. **Flicts** luta, durante toda a narrativa, para encontrar um lugar no universo, no mundo. Acabou subindo e transformando-se na cor da lua. Depois da discussão das múltiplas possibilidades interpretativas, os alunos foram solicitados a também escreverem uma história que abordasse de alguma maneira, algum drama pessoal ou alguma lição que gostariam de deixar para as crianças.

Leiam-se alguns dos textos produzidos pelos alunos:

Estudante 1 (grifos nossos)

*Um Sonho **Frustrado***

*“Em um reino bem próximo a nossa realidade. Ali morava um casal muito feliz, **apaixonado** pela vida. A felicidade dos dois tornou-se ainda mais **intença** com a chegada de uma linda criança.*

*Tudo era perfeito aquele pai aquela mãe **trabalhava** dia e noite para dar conforto aquela criança.o tempo foi passando e a felicidade só aumentava.*

***Mais** aquela criança cresceu e o amor recebido daqueles pais apaixonados, já não era mais suficiente, aquele amor que lhe era depositado acompanhado de uma super proteção, mas devido tanto trabalho isolado de uma amizade sincera e pura. Vinda daqueles que tanto o amava, não basta só amor, proteger temos que **ser amigo**. Aquela criança tinha tudo só não tinha **compania**, já que seus pais ocupava todo seu tempo trabalhando pra que ela pudesse ter a vida confortável.*

*Então já adolescente decidiu **buca** em outro reino aquilo que lhe faltava.*

***Há** como aquele reino era cruel não havia jardins, não existia flores só plantas venenosas.*

O sol não brilhava, mas uma escuridão imensa o dominava.

*Neste reino não existia cachoeiras, nem águas cristalinas, mas uma imensa poça de lama onde muitos **se** mergulharam e poucos conseguiram **volta a superfície**.*

*Lá não existe amigos, a alegria é passageira.se engana estupidamente, quem deixa o aconchego da família em busca de amizade nesse reino **traicueiro**. O qual a missão do Rei carroxo e ordenar seus soldados a recrutarem para se escravos a seu serviço, interrompendo sonhos e destruindo famílias, **seifando** vidas!*

Essa cruel realidade que está sendo relatada é o tão insignificante reino do mundo das Drogas!”.

Estudante 2: (primeiro parágrafo)

A borboleta que tinha medo de voar

“Era uma vez uma boboletinha que não sabia voar, sua mãe por vez, era uma linda e grande borboleta que voava e voava e voava. Serto dia sua mãe chegou para a borboletinha e falou, filha vamos para bosque porque lá muitas flores é e lá que a mamãe vai ti ensinar a voar, você não pode continua assim, todas as suas amiguinha voando é você ai com essas lindas assas é não voa”.

Os textos destacados ilustram que, ao menos na turma observada, a heterogeneidade observada em salas de PROEJA se dá também em níveis de apropriação do discurso escrito. Os trabalhos dos alunos demonstram uma cartela de níveis discursivos que partem dos mais precários linguisticamente aos mais refinados. Não se estabelece aqui um paralelo entre vivências, uma vez que pertencem ao universo do incomensurável, da subjetividade, mas de escrita, de letramento, de mais ou menos intimidade com o mundo da escrita. Os textos que mais se destacaram pela fluência são de alunos que vivenciam a leitura da Bíblia em seus cotidianos. Independente das questões religiosas que acabam se impondo a partir de uma afirmação dessas, o dado que se levanta é de que o contato com textos formais, mais

bem elaborados, interfere positivamente na produção escrita. Se valora mais o que está no papel apresentando ideias.

Através da pesquisa feita com os estudantes do primeiro período matutino do Proeja (Administração) foi detectado que eles gostam de ler, além da Bíblia, jornal, revistas, histórias românticas e livros de auto-ajuda. A maioria dos entrevistados é mulher, casada e ficou fora da escola por mais de cinco anos e retornou por incentivo da família, e está em busca de um espaço melhor no mercado de trabalho e até mesmo junto a família.

O espaço físico do IFGoiano – Campus Rio Verde é adequado para receber os estudantes, contando com salas climatizadas, laboratório de informática, salas e banheiro adaptados para a inclusão de alunos especiais e professores muito bem

qualificados para ministrar as aulas. Também conta com grande aliado para o sucesso deste projeto que é a adaptação do currículo de acordo com a necessidade de cada área escolhida pelo educando.

De acordo com a realidade detectada no primeiro período do Proeja de Administração do IFGoiano – Campus Rio Verde, conclui-se que a escola, como instituição do saber, e o professor como mediador, encontram-se bem preparados para enfrentarem este processo educacional tão necessário à educação contemporânea.

O ESTUDANTE ENQUANTO SUJEITO NO ATO DE LER E ESCREVER

A construção do hábito da leitura requer ideologias que perpassam os muros escolares. Segundo os PCN's (2001), a leitura tem como objetivo formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem isso na escola.

A tarefa de ensinar a ler e a escrever é um compromisso que deve ser assumido pela escola como um todo, independente da área do conhecimento científico, porque a leitura e escrita são utilizados na escola e na vida, não apenas nas aulas de língua portuguesa como pensam vários profissionais. Existem diversos tipos de textos dos quais os professores podem lançar mão para conseguirem realizar um trabalho prazeroso de leitura e escrita, como, por exemplo, ler todos os dias um texto interessante para que os educandos percebam que existem coisas “legais” no mundo da escrita como piadas, poesias, viagem interessante, história real e história inventada, situações emocionantes, desenvolver textos através da oralidade peças teatrais, jornal oral e debatendo textos. Marcuschi (2008) observa que o estudo da classificação das interações verbais orais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos, o que torna o seu uso, para o professor, um desafio prazeroso.

O sentido básico da leitura para as classes economicamente desfavorecidas e favorecidas se difere em que, para a primeira, a leitura é um considerável passaporte para o mercado de trabalho, garantindo uma melhor condição de vida, já para o segundo grupo, significa mais um meio de comunicação.

Essa leitura feita como exigência do e para o mundo do trabalho é denominada leitura funcional, cujo objetivo é obter informações básicas na vida cotidiana. Não existe uma fórmula pronta para formar leitores e escritores, mas uma questão é real, embora a maior parte das informações hoje ocorra por meio dos recursos tecnológicos. Em uma era de telas cristalizadas e minúsculos computadores, surgem campanhas nos meios de comunicação em prol da educação, com especial ênfase à leitura. Ler é o verbo mais conjugado pela mídia, em total harmonia com outros tantos em voga no século da informação. Detecta-se, a despeito da turma observada nesse trabalho, que uma quantidade significativa de educandos do Proeja não sabe ler com proficiência, pois leitura, sem dúvida, é um tema que ao longo de décadas foi debatido, explorado, mas ainda se faz necessário que volte à tona para que possa ser analisado e estudado em ângulos diferentes. A falta de leitura é fato, e é detectada na escrita já que ambas estão intrinsecamente ligadas. A falta da primeira acarreta vários danos à segunda e juntas podem comprometer todo o processo de aprendizagem.

A leitura não só remete ao entendimento dos mecanismos que a língua escrita contém, mas a fonte inesgotável de possibilidades, ideias e convicções que ajudarão no processo de criação e interpretação do discurso. Processo que é orientado pelo professor, que indica os primeiros passos para que se formem bons leitores e produtores de textos capazes de expressar seus pensamentos e seus sonhos.

O ESTUDANTE INSERIDO NO O GÊNERO TEXTUAL E O SENTIDO SISTEMA SOCIAL E ESCOLAR

Os estudantes que chegam no primeiro período do Proeja deixam atrás de si um ambiente alheio ao livro e a leitura de modo geral, seja no âmbito familiar ou na própria instituição escolar. Apesar de vivermos em uma sociedade da escrita, muitos cidadãos encontram-se excluídos justamente por não dominarem, verdadeiramente, esse código.

A análise dos livros didáticos, a fim de observar suas propostas para a devida produção textual, seria uma tarefa interessante, dessa forma, o texto será observado como um evento único e totalmente contextualizado. As abordagens em sala de aula do Proeja, tanto de conteúdos quanto de metodologias, devem ser flexíveis, o professor ou a instituição não podem ignorar a realidade dos aprendizes. Isso garante a naturalidade em que é vista a autoridade do professor que torna o aluno um ser construtor do seu próprio aprendizado, com autonomia crítica para enfrentar o mercado de trabalho e interagir no meio social, político, com voz ativa. Ao se propor abordagens educativas como esta, de integrar o Ensino Médio e o Ensino Técnico, é importante considerar as condições, os fatores e as variáveis determinantes de seu sucesso ou fracasso, uma vez que pode ser vista como objeto de conflito.

Marcuschi (2008, p. 198) afirma que, mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica. Diante disso, vale indagar se a escola deverá amanhã se ocupar de como se produz um e-mail e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou se isso não é sua atribuição. Pode a escola tranquilamente continuar ensinando apenas como se escreve cartazes e como se produz um debate face a face?

O texto como unidade de produção é o elemento básico com que se deve trabalhar no processo de ensino de qualquer disciplina. É através dele que o estudante adquire capacidade de desenvolver, produzir e organizar pensamentos e conhecimentos. Para desenvolver tais competências, a coordenação do Proeja do IFGoiano – *Campus* Rio Verde, juntamente com os professores, tem a liberdade de elaborar o Currículo Integrado dos conteúdos necessários para desenvolver com seus estudantes.

Marcuschi (2008, p. 147) considera que, atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, e remete a Swales quando afirma que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.”

Sabe-se que os gêneros vão sofrendo alterações de acordo com o momento histórico em que estamos vivendo. Cada situação social dá origem a um gênero com suas características peculiares. Levando-se em consideração a infinidade de situações comunicativas que são possíveis através da língua, pode-se perceber que os gêneros serão infinitos. Bakhtin (1997, p. 284) reitera que:

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estético.

O professor de português deve possuir amplo conhecimento sobre a linguagem, na qual se incluem os aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Deve também manter o domínio sobre as modalidades de linguagem, usufruindo de maneira competente da língua portuguesa, de forma que qualquer tipo de desvio seja cometido de maneira consciente,

e não por descuido ou desconhecimento da língua.

Desse modo, o aluno do Proeja com a orientação dos professores tem a liberdade de produzir o seu próprio conhecimento de escrita e interpretação e, em especial, no que diz respeito à leitura usada simplesmente como informação ou ascensão social.

A ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A escola é um espaço privilegiado para o ensino da leitura e escrita, já que é nela que existe todo um ambiente preparado para isso, é um espaço onde os alunos interagem com os colegas e com a diversidade textual da escola e da comunidade, ou seja, onde se dá o encontro decisivo entre o estudante e a leitura/escrita. É direito do educando ter acesso a leitura e a escrita em boas condições, com materiais apropriados e professores bem preparados.

Para que aconteça a magia de transformar simples código em palavras, é de fundamental importância a atuação mediadora do educador e a ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis como o ler e escrever.

Para formar bons leitores, para gostar de ler, para ler bem, é preciso que os estudantes sejam expostos a situações de leitura. Também é necessário que os educandos ouçam e entendam a leitura que fizeram, os mesmos têm que comentar entre os colegas a respeito do que ouviram e leram. O debate reforça a leitura e passa ter um sentido e não mera sessão de sons provocados pela correta decodificação dos sinais.

Mas para que essa atitude se incorpore e esteja presente no dia a dia do estudante, é preciso que ele se sinta obrigado pela força das palavras a passar pela experiência da leitura. Desse modo, descarta-se totalmente a obrigação de leituras de textos que têm a intencionalidade exclusiva de se ensinar gramática e conceitos. E, ainda, não utilizar leituras confusas. Afinal, como se pode

querer que o aluno domine a grafia das palavras e a gramática se este não lê?

Oliveira (2003, p. 128) reitera que:

Escrever bem continua sendo um privilégio dos eleitos, ler é algo tão chato quanto fazer prova... Alguém, por favor, ensine a esses alunos que a escrita e a leitura são processos e que ele precisa partir do conhecimento que já possui para enfrentar o novo. Ler pouco leva o aluno a escrever mal, o que também o faz limitar seu vocabulário, já que a leitura é um meio de transmissão de experiência e conhecimento, devido a sua amplitude na formação coletiva e individual de cada um.

O ser humano interage com a leitura desde o seu nascimento e ao longo de sua existência concretiza o prazer ou a aversão pela leitura e produção de texto. A leitura como ato libertador, e a língua portuguesa, como instrumento de comunicação, conduzem a língua ao valor expressivo de sentimentos, idéias, certezas, conceitos e valores.

Ao concluir este estudo, é possível observar com segurança que a leitura é a base para todos os conhecimentos a serem apreendidos. Comunicar-se, saber entender o discurso do outro e interagir em um patamar de igualdade enquanto cidadão, só se efetivará se esse sujeito possuir leitura de mundo e de códigos. Dada a relevância da leitura, e os problemas que a falta dela acarretam fica claro, no contexto educacional de hoje com a implantação do Proeja no ambiente escolar a leitura e produção de texto está sendo valorizada, pois é trabalhada de maneira adequada a esta faixa etária.

A medida que o professor foca dinamismo e criatividade, inovando em favor da leitura e produção de texto, estará interferindo na formação do indivíduo para o pleno exercício da cidadania, e, assim, enquanto professor resgatará seu papel social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALTAR, M. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com jornal de sala de aula. 2ª ed., rev.; Caxias do Sul. RS: Eduas, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF 2001.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Atica, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, F. R. Q. **Face ao Professor**. Goiânia: Renascer, 2003.

SOARES, M. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte. Autentica. 1998.

ZIRALDO. **Flicts**. São Paulo: Melhoramento, 2009.